

AYAHUASCA E O INEFÁVEL: NEUROCIÊNCIA, ARTE VISIONÁRIA, INCONSCIENTE E ESPIRITUALIDADE AMERÍNDIA

Francisco Prosdocimi¹
María Carolina Pacini²

Resumo: A experiência com a ayahuasca e estados não ordinários de consciência envolve visões simbólicas, acesso ao inconsciente e uma percepção alterada da realidade. Sua natureza metafísica desafia as categorias convencionais de linguagem e representação, sendo frequentemente descrita como inefável. Embora a arte, em qualquer contexto, possua um grau de inefabilidade, a arte visionária que busca expressar essas vivências enfrenta desafios ainda maiores, pois tenta traduzir conteúdos dinâmicos e subjetivos que escapam às estruturas simbólicas tradicionais. Participantes de rituais com ayahuasca relatam visões de geometrias sagradas, unidade cósmica, amor incondicional e encontros com entidades divinas ou aspectos sombrios da psiquê. Nenhuma dessas percepções pode ser representada fielmente devido a limitações cognitivas, conceituais e técnicas. Artistas importantes como Pablo Amaringo e Alex Grey tentaram captar os aspectos pictóricos dessas experiências, desenvolvendo uma linguagem visual que dialoga com os mistérios do inconsciente e do divino. A psiquiatra Nise da Silveira, em paralelo, demonstrou como a arte pode servir como ferramenta terapêutica para acessar conteúdos profundos da psiquê, algo que ressoa no pensamento junguiano e no trabalho de pesquisadores como Stanislav Grof e Terence McKenna. A relação entre arte visionária, inconsciente e contracultura sugere que essas representações funcionam como pontes entre a subjetividade humana e estados ampliados de consciência. Tecnologias emergentes, como realidade

¹ Laboratório de Ciência, Arte e Educação, IBQM/UFRJ. Mini-CV: Bioinformata e geneticista, Francisco idealizou e coordena o Projeto Genoma da Ayahuasca, que busca elucidar o DNA das plantas sagradas que compõem o chá enteógeno ameríndio. Professor associado da UFRJ, trabalha com genômica vegetal, biodiversidade, biologia teórica e educação em biociências através da relação entre arte e ciência. Publicou quase 100 artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, além de livros como *A Emergência dos Sistemas Biológicos* (2019) e *O que é a ciência: a ciência sob um exame de consciência* (2020). Criou o projeto de extensão *Ciência Incrível*, que busca levar o conhecimento científico para escolas e centros culturais usando a linguagem do teatro e da música. Ministra disciplinas sobre bioinformática, psicodélicos, filosofia da ciência e ambientalismo, dentre outras. Possui experiência internacional em centros de excelência, colaborando em projetos sobre a genética de plantas de poder. Seu trabalho explora a interseção entre a ciência e a experiência simbólica da ayahuasca, investigando seus aspectos biológicos, culturais e artísticos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0314977130631834>; ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6761-3069>; email: prosdocimi@bioqmed.ufrj.br

² Laboratório de Ciência, Arte e Educação, IBQM/UFRJ. Mini-CV: Artista plástica, mestre ceramista e pesquisadora colaboradora do Laboratório de Ciência, Arte e Educação da UFRJ. Nascida na Argentina, Carolina Pacini estudou Psicologia na UBA (Universidad de Buenos Aires) e Artes Visuais pelo IUNA (Instituto Universitário Nacional del Arte), onde especializou-se em pintura. Atua como artista plástica e mestre ceramista, com uma pesquisa focada nas cores suas representações. Seu trabalho explora as nuances de percepção e a maneira como a cor é vivida sensorialmente, incluindo experiências com pessoas cegas. Seu trabalho em cerâmica inclui a criação de obras táteis, como painéis instalados em espaços públicos. Além de sua produção artística, Carolina desenvolve tintas cerâmicas específicas para diferentes técnicas e tem vasta experiência em pintura em porcelana, acrílico, óleo e aquarela. Participou de exposições importantes, das quais se destacam a Bienal de Cerâmica de São Paulo (2017) e Museu Casa Benjamin Constant (2024). Ministrou mais de 100 cursos e workshops no Brasil e no exterior, compartilhando suas técnicas e conhecimentos artísticos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: pacinicarolina@yahoo.com.ar

virtual e inteligência artificial, são abordadas como possíveis meios para aprofundar a compreensão dessas experiências e difundir seu acesso à população, embora também enfrentem limitações na captação de sua complexidade e esplendor. Apesar dos esforços contínuos de grandes artistas e cientistas da contemporaneidade, a experiência com a ayahuasca continua a desafiar os limites da linguagem e da cognição humana, consolidando-se como uma biotecnologia ancestral ameríndia de grande relevância médica, espiritual, estética e filosófica.

Palavras-chave: Ayahuasca, Estados não ordinários de consciência, Arte visionária, Inconsciente coletivo, Contracultura psicodélica

AYAHUASCA AND THE INEFFABLE: NEUROSCIENCE, VISIONARY ART, UNCONSCIOUSNESS AND AMERINDIAN SPIRITUALITY

Abstract: The experience with ayahuasca and non-ordinary states of consciousness involves symbolic visions, access to the unconscious, and an altered perception of reality. Its metaphysical nature challenges conventional categories of language and representation, often being described as ineffable. Although art, in any context, possesses a degree of ineffability, visionary art that seeks to express these experiences faces even greater challenges, as it attempts to translate dynamic and subjective content that escapes traditional symbolic structures. Participants in ayahuasca rituals report visions of sacred geometries, cosmic unity, unconditional love, and encounters with divine entities or shadow aspects of the psyche. None of these perceptions can be faithfully represented due to cognitive, conceptual, and technical limitations. Renowned artists such as Pablo Amaringo and Alex Grey have attempted to capture the pictorial aspects of these experiences, developing a visual language that dialogues with the mysteries of the unconscious and the divine. The psychiatrist Nise da Silveira, in parallel, demonstrated how art can serve as a therapeutic tool for accessing deep contents of the psyche, something that resonates with Jungian thought and the work of researchers like Stanislav Grof and Terence McKenna. The relationship between visionary art, the unconscious, and counterculture suggests that these representations function as bridges between human subjectivity and expanded states of consciousness. Emerging technologies, such as virtual reality and artificial intelligence, are explored as possible means to deepen the understanding of these experiences and make them more accessible to the general public, though they also face limitations in capturing their complexity and splendor. Despite the continuous efforts of major contemporary artists and scientists, the ayahuasca experience continues to challenge the limits of language and human cognition, consolidating itself as an Amerindian ancestral biotechnology of great medical, spiritual, aesthetic, and philosophical relevance.

Keywords: Ayahuasca, Non-ordinary states of consciousness, Visionary art, Collective unconscious, Psychedelic counterculture.

AYAHUASCA Y LO INEFABLE: NEUROCIENCIA, ARTE VISIONARIO, INCONSCIENTE Y ESPIRITUALIDAD AMERINDIA

Resumen: La experiencia con la ayahuasca y los estados no ordinarios de conciencia implica visiones simbólicas, acceso al inconsciente y una percepción alterada de la realidad. Su naturaleza metafísica desafía las categorías convencionales del lenguaje y la representación, siendo frecuentemente descrita como inefable. Aunque el arte, en cualquier contexto, posee un grado de inefabilidad, el arte visionario que busca expresar estas vivencias enfrenta desafíos aún mayores, ya que intenta traducir contenidos dinámicos y subjetivos que escapan a las estructuras simbólicas tradicionales. Los participantes en rituales con ayahuasca relatan visiones de geometrías sagradas, unidad cósmica, amor incondicional y encuentros con entidades divinas o aspectos sombríos de la psique. Ninguna de estas percepciones puede ser representada fielmente debido a limitaciones cognitivas, conceptuales y técnicas. Artistas reconocidos como Pablo Amaringo y Alex Grey han intentado captar los aspectos pictóricos de estas experiencias, desarrollando un lenguaje visual que dialoga con los misterios del

inconsciente y lo divino. La psiquiatra Nise da Silveira, en paralelo, demostró cómo el arte puede servir como una herramienta terapéutica para acceder a los contenidos profundos de la psique, algo que resuena con el pensamiento junguiano y el trabajo de investigadores como Stanislav Grof y Terence McKenna. La relación entre el arte visionario, el inconsciente y la contracultura sugiere que estas representaciones funcionan como puentes entre la subjetividad humana y los estados ampliados de conciencia. Las tecnologías emergentes, como la realidad virtual y la inteligencia artificial, se exploran como posibles medios para profundizar la comprensión de estas experiencias y difundir su acceso a la población, aunque también enfrentan limitaciones para capturar su complejidad y esplendor. A pesar de los continuos esfuerzos de grandes artistas y científicos contemporáneos, la experiencia con la ayahuasca sigue desafiando los límites del lenguaje y la cognición humana, consolidándose como una biotecnología ancestral amerindia de gran relevancia médica, espiritual, estética y filosófica.

Palabras clave: Ayahuasca, Estados no ordinarios de conciencia, Arte visionaria, Inconsciente colectivo, Contracultura psicodélica

1. Introdução

A ayahuasca é uma bebida sagrada, preparada tradicionalmente a partir da combinação do cipó amazônico *Banisteriopsis caapi* e das folhas da *Psychotria viridis* (chacrona). Esses ingredientes, ao serem cozidos juntos, produzem uma decocção em forma de chá de cor amarronzada que possui propriedades enteógenas, ou seja, capazes de induzir estados alterados de consciência, que incluem experiências espirituais, visionárias ou místicas. Dado seu alto poder visionário e de cura, a ayahuasca é possivelmente a maior descoberta biotecnológica dos povos originários da região amazônica (Prosdocimi, 2025). Através da datação da bolsa de um xamã encontrada em um sítio no sudoeste da Bolívia e que continha traços dessas plantas (Miller et al., 2019), as evidências científicas comprovam uma utilização dessa tecnologia há pelo menos 1.000 anos. No entanto, tradições espirituais de povos indígenas amazônicos, como os *Shipibo-Conibo*, *Ashaninka*, e *Kaxinawá* são provavelmente ainda mais antigas.

Para os povos indígenas, a ayahuasca é muito mais do que uma substância psicoativa: é um canal para o mundo espiritual e um meio de acessar conhecimentos ancestrais, promover cura e estabelecer conexões profundas com a natureza e os espíritos (Fulkaxó, 2022). Os rituais tradicionais geralmente são conduzidos por pajés, curandeiros, xamãs ou líderes espirituais, que orientam os participantes em um processo que envolve (i) cantos sagrados (ícaros), (ii) danças e (iii) rezos ao longo de uma noite inteira (Apffel-Marglin & Gonzales, 2024). Esses elementos, juntamente com o uso de incensos e outros atos ceremoniais, são cruciais para moldar e direcionar a experiência dos participantes, proporcionando proteção espiritual e guiando os vislumbres adquiridos durante a experiência visionária.

Além de sua função espiritual, a ayahuasca é usada pelos povos ameríndios como ferramenta de diagnóstico, proteção e cura para doenças físicas, mentais, emocionais e espirituais, sendo que seus constituintes principais são referidos enquanto “plantas professoras” ou “plantas de poder”. A bebida também desempenha um papel central na preservação da identidade cultural, servindo como veículo para a transmissão de mitologias, histórias e ensinamentos tradicionais. No contexto da cosmologia dos povos originários, o consumo ritual da ayahuasca é considerado uma forma de interação direta com as forças sagradas que regem o mundo natural e espiritual.

No Brasil, a ayahuasca foi reconhecida como *Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Acre em 2006*, devido à sua profunda importância para as tradições espirituais e culturais da região. O Acre, juntamente com o Amazonas, abriga os principais povos indígenas e comunidades que historicamente comungam da bebida em seus rituais sagrados. No entanto, o uso da ayahuasca se expandiu ao longo

das décadas, sendo hoje praticado em diversas partes do país e do mundo, tanto em contextos religiosos, como os do Santo Daime, da União do Vegetal (UDV) e da Barquinha, quanto em estudos científicos e práticas terapêuticas. Além do reconhecimento estadual, a bebida foi tema de discussões no âmbito federal, resultando na Resolução nº 1 do CONAD (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas) em 2010, que consolidou sua regulamentação para uso ritualístico no Brasil.

O termo enteógeno tem sido usado para descrever as experiências com a ayahuasca, usando uma palavra que deriva do grego: “*entheos*” significa “cheio de Deus” ou “divinamente inspirado”, e “*gen*”, que significa “produzir”. Assim, enteógeno pode ser traduzido como “o advento do Deus dentro de nós” (Mello, 2015). Exemplos comuns de substâncias com efeitos enteógenos incluem não só a ayahuasca, mas também a experiência produzida através do consumo de cactos, como o peyote e o San Pedro, e dos chamados cogumelos mágicos. Ao contrário das drogas de uso recreativo, os enteógenos são frequentemente usados com propósitos espirituais, terapêuticos ou ceremoniais, e sua experiência é moldada por um contexto (*setting*) muito específico no qual são consumidos.

1.1. Ayahuasca e neurociência

Cientificamente, os efeitos da ayahuasca são atribuídos principalmente à presença da DMT (dimetiltriptamina), uma molécula de efeito psicodélico encontrada nas folhas da chacrona. A DMT é uma molécula psicodélica poderosa que ocorre naturalmente em várias plantas e, em pequenas quantidades, em muitos animais, incluindo o ser humano (Saavedra & Axelrod, 1972). É uma potente agonista dos receptores 5-HT2A, que são os mesmos receptores envolvidos nas ações de outras substâncias psicodélicas, como o LSD e a psilocibina (McKenna et al., 1990; Smith et al., 1998). Esses receptores estão localizados em várias regiões cerebrais, incluindo o córtex pré-frontal, o córtex visual, e o córtex cingulado. A DMT é famosa por induzir experiências intensas de alterações na percepção sensorial, visões vívidas, expansão da consciência e uma sensação de unidade com o cosmos, características comuns nas experiências com ayahuasca. Quando ingerida por via oral, no entanto, a DMT normalmente é degradada rapidamente pelo sistema digestivo e pelo fígado, mais especificamente pela ação da enzima monoamina oxidase (MAO).

É aí que entra a importância do cipó *Banisteriopsis caapi* nessa bebida biotecnológica ancestral. O cipó contém beta-carbolinas, como harmina, harmalina e tetra-hidroharmina, que atuam como inibidores reversíveis da monoamina oxidase (IMAO) (Rivier & Lindgren, 1972). A monoamina oxidase é uma enzima presente no fígado que degrada neurotransmissores como serotonina, dopamina, noradrenalina, e também a DMT. Quando ingerimos uma substância com propriedades inibidoras de MAO, como as beta-carbolinas no cipó, essa enzima é inibida e, portanto, a DMT presente nas folhas da chacrona não é metabolizada no trato digestivo e pode alcançar o cérebro, onde exerce seus efeitos psicoativos.

Em termos de atividade cerebral, a ayahuasca tem sido associada a um aumento na conectividade entre diferentes regiões do cérebro, promovendo um estado de consciência expandido, no qual áreas que normalmente não se comunicam de forma tão intensa podem interagir de maneira única (Viol et al., 2017). Esse aumento da conectividade pode explicar a sensação de sincronicidade ou de integração entre o consciente e o inconsciente, que muitos usuários de ayahuasca relatam, incluindo experiências de revelação, cura emocional ou encontro com entidades espirituais. Estudos de neuroimagem têm mostrado que o consumo de ayahuasca pode causar uma redução na atividade da rede neural padrão (*Default Mode Network*, DMN), que é uma rede cerebral associada à autoconsciência e à identidade (Palhano-Fontes et al., 2015). A supressão da DMN pode estar ligada à sensação de dissolução do ego, que muitos usuários de ayahuasca experimentam, proporcionando uma experiência de transcendência e conexão com o todo.

Embora muito já tenha sido descoberto, a investigação científica sobre a atividade cerebral durante a experiência com ayahuasca e sobre a genética e bioquímica das plantas sagradas continua a expandir

o entendimento sobre como esse enteógeno altera a percepção e a consciência (Varani et al., 2022; Chavarro-Mesa et al., 2024), revelando conexões profundas entre o DNA, a neurociência e as tradições espirituais que utilizam essa biotecnologia ancestral.

1.2. Purgas, curas e mirações, os principais efeitos da ayahuasca

Além dos efeitos psicoativos descritos, a ayahuasca também é conhecida por provocar purga física durante a experiência, que pode incluir vômitos, diarreia, sudorese e choro. Esses efeitos são muitas vezes vistos como parte do processo purificador nos rituais ayahuasqueiros, como uma forma de liberação emocional e energética. Os mecanismos exatos por trás desses efeitos físicos não são totalmente compreendidos, mas sabe-se que as substâncias presentes no cipó e a DMT alteram a química corporal, o que poderia desencadear tais reações. Embora seja uma substância potente em termos de alteração da consciência, estudos científicos indicam que a ayahuasca não é tóxica para o corpo físico, sendo que muitos estudos têm encontrado muitos benefícios em sua utilização, principalmente referentes à saúde mental (Maia et al., 2022).

No entanto, essa experiência não é sempre agradável. Os ritos ayahuasqueiros também envolvem o encontro com a sombra – aspectos do inconsciente que refletem medos, traumas e emoções reprimidas (Jung, 1951). Esse processo de confrontação pode ser desafiador, mas é considerado fundamental para o processo de cura. Muitas vezes, é durante esse encontro com a sombra ou os aspectos inconscientes que o corpo responde com as purgas – manifestações físicas como vômitos, diarreia, sudorese intensa, choro ou riso incontrolável.

Dentro da cosmovisão dos rituais ayahuasqueiros, essas purgas são formas de limpeza profunda. Não são interpretadas apenas como simples reações físicas, mas como um mecanismo espiritual que expulsa energias negativas, emoções densas ou bloqueios acumulados. Esse processo de purificação é valorizado porque proporciona alívio e uma sensação renovada de leveza, clareza e conexão com o sagrado. Mas apenas depois que ele é atravessado plenamente, com coragem e disposição do praticante.

Além disso, as purgas simbolizam a entrega total ao ritual, a aceitação da vulnerabilidade e a disposição para a autotransformação. É um momento de rendição ao processo curativo da ayahuasca, onde o corpo e o espírito trabalham juntos para liberar o que não serve mais, abrindo caminho para a cura e a elevação espiritual. Nos relatos tradicionais, muitos usuários emergem desses momentos de purga com uma sensação de renascimento, preparados para integrar novas compreensões e experiências em suas vidas cotidianas.

1.3. Efeitos espirituais da prática com a ayahuasca

As experiências místicas são descritas de maneira variada e profunda por aqueles que as vivenciam, mas em geral, há duas formas principais que são frequentemente mencionadas nas tradições espirituais e nas experiências induzidas por substâncias como a ayahuasca. Cada uma dessas experiências oferece um tipo distinto de percepção da realidade, revelando aspectos diferentes do espírito humano e da consciência (Shanon, 2002).

1.3.1 A Experiência Mítico-Agregadora

A primeira forma de experiência mística é chamada de experiência mítico-agregadora, na qual o praticante sente uma união profunda com o todo, uma sensação de que ele não é mais um ser separado,

mas faz parte de um vasto campo unificado de existência (Grof & Grof, 2010). Nesse estado, o ego, ou o “self” individual, desaparece, e o praticante experimenta uma dissolução das fronteiras entre o eu e o universo. Ele sente que tudo está interconectado, que cada ser, cada elemento, cada átomo é parte de uma mesma essência divina. A experiência é muitas vezes acompanhada por uma sensação intensa de luz e energia divina que permeia toda a criação, uma energia de beleza e harmonia cósmicas.

Em geral, é nesse contexto que surgem as visões do que se convencionou chamar de “geometria sagrada”. O indivíduo, agora imerso nesse campo de energia e luz, entra em um mundo de formas geométricas perfeitas, como círculos, triângulos, quadrados e espirais em movimento, que se expandem e contraem como se estivessem vivos. Essas formas geométricas bailam e se movimentam como em um filme caleidoscópico que parece ter sido criado por uma inteligência incrivelmente poderosa, uma espécie de consciência cósmica capaz de produzir animações de beleza transcendente que são quase impossíveis de serem descritas com palavras ou representadas por gráficos ou ilustrações comuns. Segundo relatos de psiconautas experientes, esses padrões e formas geométricas transmitem informações às quais não se pode precisar, mas que são descritas como se o universo estivesse tentando se comunicar com o praticante de uma maneira visual, profundamente simbólica e rica em significado. Um significado oculto, mas profundamente belo, inspirador e transformador. Essa experiência é um momento de êxtase, onde o praticante se sente pleno, completo e em harmonia com a totalidade do universo.

1.3.2. A Experiência Mítico-Relacional

A segunda forma de experiência mística é a experiência mítico-relacional, que difere da primeira na medida em que o praticante não perde a percepção do ego. Ao contrário, ele continua sendo ele mesmo, mas entra em uma relação direta com entidades míticas ou espirituais (Strassman, 2001). Essas entidades podem ser figuras arquetípicas, deuses, ancestrais, guias espirituais ou seres de outras dimensões, com os quais o praticante é capaz de interagir e, muitas vezes, até conversar. Durante esses encontros, o praticante recebe ensinamentos, conselhos ou revelações que são profundos e muitas vezes transformadores.

Neste tipo de experiência, o objetivo não é a experiência de unidade cósmica, mas sim a liberação mental e espiritual do praticante. Ele tem a oportunidade de confrontar e superar antigos traumas, crenças limitantes e padrões emocionais que o aprisionaram em ciclos de sofrimento e bloqueio. Essas crenças limitantes são estruturas mentais ou emocionais que o indivíduo internalizou ao longo da vida, que o impedem de crescer, de se libertar ou de alcançar o seu pleno potencial. Essas crenças surgem muitas vezes da educação, de experiências traumáticas ou da influência de outras pessoas, e passam a operar como verdades absolutas dentro da mente da pessoa, mesmo que sejam completamente falsas. Um exemplo prático de como isso pode acontecer pode ser visto em um praticante que, ao se deparar com uma entidade espiritual, recebe um ensinamento sobre o valor próprio. Talvez ele tenha vivido situações em que foi desvalorizado ou rejeitado, o que gerou uma crença profunda de que ele não era digno de amor ou sucesso. Durante o encontro com certa entidade, ele pode ser orientado a perdoar a si mesmo e a liberar o passado, entendendo que as experiências negativas não definem sua identidade ou seu valor como ser humano. Ao aceitar esse ensinamento, ele pode experimentar uma liberação emocional que o permite romper com a crença limitante e começar a criar uma nova realidade para si, mais alinhada com o seu verdadeiro potencial.

2. Ayahuasca e o inefável

Finalmente chegamos à questão da inefabilidade das experiências psicodélicas, particularmente no contexto do uso da ayahuasca, que envolve o desafio de tentar transmitir a totalidade da vivência mística através da linguagem ou da representação artística. O conceito de inefabilidade, especialmente aplicado a experiências místicas ou transcendentais, foi amplamente explorado pelo filósofo e psicólogo estadunidense William James (1842-1910). Em sua obra “As Variedades da Experiência Religiosa”, James descreve a experiência mística como sendo, por natureza, inefável (James, 1902). Ele define como inefável uma experiência que não pode ser adequadamente expressa em palavras ou símbolos, uma vez que remete a uma vivência tão profunda e única que ultrapassa a capacidade de representação.

Para James, experiências místicas são aquelas em que a pessoa sente uma percepção direta da realidade espiritual ou divina, experiências que escapam ao domínio da razão e da representação, que também têm sido descritas como transracionais (Prosdocimi, 2025). Ele argumenta que tudo o que pode ser dito é que, o que foi vivenciado é muito maior do que aquilo que pode ser representado. Essa posição é particularmente relevante quando se fala de experiências com enteógenos, uma vez que muitos usuários relatam a dificuldade de comunicar plenamente as profundezas de suas vivências.

Assim, um dos aspectos centrais da experiência com ayahuasca é justamente a sensação de que as palavras, os sentidos e os símbolos não podem capturar a totalidade do que se experimenta. Diversos testemunhos de usuários reforçam esse ponto. Por exemplo, alguns relatam que ao tentarem descrever as visões ou sentimentos que experimentam durante o ritual, percebem que as palavras que escolhem não são suficientes para fazer justiça à intensidade e à complexidade do que vivenciaram. No caso das artes visuais, também os artistas têm dificuldades em expressar a experiência que viveram em uma tela em branco. Um usuário, ao descrever sua experiência com a bebida, nos relatou: “Sentei-me na mesa e tentei ilustrar aquilo que vi, mas não sabia sequer por onde começar, era como tentar colocar a vastidão do céu em uma pequena xícara. Nada do que eu fissesse realmente capturaria o que eu vi e senti.”

Adicionalmente, um estudo realizado pelo médico psiquiatra e pesquisador norte-americano Rick Strassman (2001), pesquisador reconhecido por seus estudos pioneiros sobre a DMT revela que, embora a DMT seja um dos compostos mais potentes conhecidos para induzir experiências visionárias, as descrições dessas experiências frequentemente envolvem tais tentativas frustradas de comunicar com clareza o que foi vivenciado. Os participantes do estudo de Strassman mencionaram a dificuldade de colocar em palavras as visões e sensações que experimentaram, indicando que a experiência transcende o entendimento racional e a linguagem simbólica que temos disponível. O autor afirma: “quando os pacientes relatavam suas experiências com a DMT, a maior dificuldade era traduzir os estados visionários para a linguagem cotidiana. O uso de palavras estava, muitas vezes, aquém da profundidade da experiência vivida” (Strassman, 2001).

Essa ideia de inefabilidade não é exclusiva dos usuários de ayahuasca ou de outras substâncias enteógenas ou psicodélicas. Ela também aparece frequentemente em relatos de pessoas que têm experiências místicas ou espirituais fora do contexto das substâncias psicodélicas. A pesquisa de Maslow (1964) sobre as chamadas “experiências de pico” — momentos de intensa transcendência espiritual — também sublinha a inefabilidade dessas vivências. Maslow observou que as pessoas frequentemente tinham dificuldade em descrever ou compartilhar o que sentiam nesses momentos, referindo-se a eles como experiências que “não podem ser contadas, mas apenas vividas”.

O conceito de inefabilidade é profundamente relevante também para o estudo da arte psicodélica, uma vez que os artistas que tentam representar visualmente as experiências psicodélicas frequentemente se deparam com as limitações tanto de sua própria cognição quanto das ferramentas e da linguagem artística para capturar a complexidade dessas vivências. Artistas como Pablo Amaringo, Randy Chung e Alex Grey são exemplos de como a arte pode tentar se aproximar da

representação das experiências visionárias com ayahuasca, LSD e outras substâncias psicodélicas. Porém, mesmo essas representações são apenas aproximações imperfeitas do que foi vivido.

Assim, a inefabilidade das experiências psicodélicas, e particularmente da experiência com ayahuasca, está relacionada à dificuldade de capturar a totalidade dessas vivências por meio da linguagem ou das artes visuais. Os relatos de usuários, as comparações com outras experiências visionárias e os estudos científicos demonstram que essas experiências transcendem os limites da comunicação verbal, da representação de símbolos através de ilustrações ou da movimentação corporal. Muito frequentemente, as obras nos deixam com a sensação de que algo fundamental ficou fora do alcance da expressão humana. As palavras e as imagens são ferramentas poderosas, mas muitas vezes insuficientes para transmitir o que é experimentado em estados alterados de consciência.

2.1. O onírico e o enteógeno: semelhanças e diferenças

Outro aspecto importante é a comparação entre as experiências realizadas com o uso da (i) ayahuasca e estados alterados de consciência, (i') com a experiência dos sonhos, dos sonhos lúcidos e dos estados hipnagógicos. Os estados psicodélico e onírico compartilham algumas semelhanças, como a presença de imagens vívidas e a alteração da percepção, mas diferem fundamentalmente em sua base neurobiológica e na experiência subjetiva. No estado enteogênico, a consciência permanece em vigília intensificada, com maior conectividade entre redes cerebrais, enquanto nos sonhos há uma redução do controle racional e da autoconsciência devido à menor atividade do córtex pré-frontal (Carhart-Harris et al., 2014). Psicodélicos como a ayahuasca, a psilocibina e o LSD promovem um aumento na neuroplasticidade e podem levar a vislumbres profundos, enquanto o sonho atua principalmente no processamento de memórias e emoções (Hobson & Pace-Schott, 2002). A sinestesia, comum nas experiências psicodélicas devido à comunicação ampliada entre áreas sensoriais, é rara nos sonhos. Além disso, a sensação de realidade é mais intensa sob efeitos psicodélicos, muitas vezes sendo descrita como mais vívida do que a vigília comum, enquanto os sonhos, apesar de parecerem reais no momento, geralmente são reconhecidos como ilusórios após o despertar.

Entretanto, nos dois casos podem haver questões inefáveis e difíceis de expressar. Por exemplo, um sonhador lúcido pode, por exemplo, vivenciar uma série de imagens ou eventos de uma maneira tão intensa que as palavras simplesmente não conseguem fazer justiça à complexidade do sonho (Ribeiro, 2019). De maneira semelhante, os estados hipnagógicos — aqueles que ocorrem entre o sono e a vigília — têm sido descritos como experiências em que a mente poderia produzir imagens e sensações difíceis de descrever, já que a lógica e a estrutura que geralmente aplicamos à realidade não são as mesmas desses estados.

2.2. Efeitos nootrópicos e a expansão da realidade

No caso das experiências psicodélicas com ayahuasca, a percepção parece estar em uma zona intermediária, onde os limites entre o que é “real” e o que é “imaginário” se tornam borrados, tornando ainda mais desafiador traduzi-las para o mundo das representações. Em geral, nem tudo aquilo que se experimenta ou vê sob efeito da ayahuasca deve ser considerado como alucinação. A ayahuasca promove, no organismo humano, o chamado *efeito nootrópico*, ou seja, um aprimoramento cognitivo temporário que leva a uma intensificação da percepção sensorial e da capacidade de análise. Usuários relatam uma exacerbada sensibilidade a estímulos externos, permitindo-lhes perceber nuances sutis da realidade que normalmente passariam despercebidas no estado ordinário de consciência. Sons distantes podem tornar-se claramente audíveis, padrões visuais emergem a partir de elementos comuns, como fumaça e feixes de luz, e detalhes antes ignorados ganham destaque e significado.

Muitos desses fenômenos não são alucinações absolutamente, mas facetas da realidade não percebidas nos estados ordinários de consciência, mas sim compreendidos através dessa ampliação da cognição e da percepção que é possibilitada pela modulação neuroquímica e energética induzida pela bebida.

Os efeitos nootrópicos da ayahuasca são sustentados por estudos neurocientíficos que demonstram sua influência na conectividade cerebral e na neuroplasticidade (Riba et al., 2006; Palhano-Fontes et al., 2015). Esse fenômeno é descrito como um estado de “hiperconectividade”, onde a atividade neuronal se torna mais fluida e interligada, permitindo que o cérebro processe informações de forma mais holística (Carhart-Harris et al., 2014). Além disso, o efeito da ayahuasca sobre o córtex visual primário e outras áreas sensoriais pode explicar a intensificação das percepções. Estudos de neuroimagem demonstram que, sob o efeito da bebida, há um aumento significativo da atividade no córtex occipital, responsável pelo processamento visual, e uma maior comunicação entre o córtex auditivo e outras áreas de integração sensorial (Sampedro et al., 2017). Isso pode justificar as mirações de padrões geométricos complexos e percepção de sons de maneira mais aguçada. Em vez de meras alucinações sem fundamento na realidade, essas experiências normalmente representam a revelação de aspectos inacessíveis da percepção ordinária, possibilitada temporariamente por um estado cognitivo expandido. Essa distinção é fundamental.

No contexto das tradições indígenas e xamânicas, tal intensificação sensorial é interpretada como uma abertura para camadas mais profundas da realidade. Pajés e curandeiros frequentemente descrevem a ayahuasca como uma ferramenta que permite “enxergar além do véu”, acessando dimensões ocultas da existência que permanecem invisíveis no estado ordinário de consciência. A percepção de regularidades na fumaça ou na interação entre luzes pode ser entendida, nesse sentido, como uma forma de decodificação intuitiva de padrões sutis da natureza e do universo, algo semelhante ao conceito de “ordem implícita” desenvolvido pelo físico David Bohm (Bohm, 1980). Segundo a cosmoapreensão dos xamãs, cada pessoa verá o que precisa para corrigir seu espírito e trazer sua alma de volta ao caminho correto.

A interpretação ocidental da experiência com ayahuasca muitas vezes reduz esses efeitos ao campo das alucinações, desconsiderando a possibilidade de que a bebida ative circuitos cerebrais responsáveis por percepções mais refinadas da realidade. Nesse sentido, o escritor e etnobotânico estadunidense Terence McKenna (1946-2000) argumentava que os estados psicodélicos devem ser compreendidos como uma forma de “hiperpercepção”, onde a mente não cria ilusões, mas acessa informações que normalmente estariam filtradas pelo funcionamento padrão do cérebro (McKenna, 1993). Essa posição está em ressonância com estudos que indicam que substâncias como a DMT são verdadeiramente capazes de ampliar a capacidade cognitiva para o reconhecimento de padrões e de conexões sutis entre elementos aparentemente desconexos (Krahenmann et al., 2017).

Dessa forma, o efeito nootrópico da ayahuasca pode ser entendido como uma expansão da capacidade perceptiva e cognitiva que não está presente no estado onírico, e que permite ao usuário captar aspectos da realidade que normalmente estariam além do alcance da consciência comum. Longe de ser uma simples distorção da percepção, esse fenômeno pode representar um modo alternativo e ampliado de processamento da informação sensorial, fornecendo vislumbres e experiências profundamente significativas que poderão servir de inspiração para a produção artística, científica e filosófica.

3. Representando o inefável: breve estudo da Arte Visionária

A tentativa de representar visualmente a experiência com psicodélicos, enteógenos e particularmente com a ayahuasca se estabelece como um desafio singular para os artistas, pois a complexidade das vivências transcendentes muitas vezes foge não apenas à capacidade cognitiva de nossos cérebros, mas também aos limites das ferramentas e das linguagens artísticas convencionais. O campo chamado

de *arte visionária* aproxima-se do universo psicodélico ao tentar traduzir, em imagens, as sensações, percepções e visões que são experienciadas em estados alterados de consciência (Mikosz, 2015). Artistas como Pablo Amaringo e Alex Grey são exemplos notáveis dessa tentativa de representação, onde a arte serve como uma ponte entre o mundo físico e o mundo metafísico, mas ao mesmo tempo revela as limitações da própria linguagem visual para capturar a totalidade da experiência.

3.1. A obra de Pablo Amaringo

Pablo Amaringo (1938-2009) foi um artista peruano e xamã, sem dúvida uma das figuras mais emblemáticas da arte visionária relacionada ao uso da ayahuasca. Ele utilizava técnicas tradicionais de pintura acrílica sobre tela para criar suas obras detalhadas e vibrantes dos estados enteogênicos. Em geral, empregava tintas acrílicas devido à sua secagem rápida e à capacidade de produzir cores intensas e duradouras, ideais para representar as visões complexas inspiradas pela ayahuasca. Suas telas variavam de tamanho, mas as mais comuns tinham dimensões em torno de 50 cm x 70 cm ou 60 cm x 90 cm, permitindo um nível detalhado de composição sem serem excessivamente grandes. O artista visual também se destacava pelo uso de pinceladas minuciosas e camadas de tinta translúcidas para criar efeitos de brilho e profundidade, realçando o caráter etéreo de suas pinturas. Sua obra, carregada de simbolismo amazônico e de elementos oriundos das tradições xamânicas da região, apresenta um repertório visual de grande complexidade, repleto de figuras geométricas, formas fluidas e representações de espíritos, arquiteturas mágicas, entidades e seres naturais. Amaringo frequentemente retratava cenas que surgiam durante os rituais de ayahuasca, criando imagens que buscavam representar o que ele via em seus estados visionários induzidos pela bebida. Sua obra consiste possivelmente na tentativa mais efetiva que a humanidade já alcançou até hoje de capturar o que é experienciado no plano das percepções ampliadas induzidas pela ayahuasca (Luna & Amaringo, 1999).

A influência xamânica em sua obra é palpável, especialmente na representação de entidades espirituais e seres sobrenaturais, com formas que se misturam à vegetação, aos animais e ao ambiente natural, além de grandes obras arquitetônicas. As cores vibrantes e os padrões geométricos frequentemente presentes nas obras de Amaringo podem ser entendidos como representações de uma realidade paralela, uma cosmologia que transcende a dimensão física, onde tudo está interconectado e onde a percepção humana é expandida para além dos limites do corpo. A simbologia amazônica, que inclui seres míticos, plantas sagradas e seres elementais, aparece de maneira recorrente, ilustrando o vínculo entre o ser humano, a natureza e o mundo espiritual (Charing et al., 2011).

Entretanto, ao tentar representar visualmente essa realidade tão distante das convenções artísticas tradicionais, Amaringo também enfrentava as limitações de sua própria linguagem visual. As visões descritas em seus trabalhos são imensamente complexas e dinâmicas, com infinitas variações de formas e cores, mas as telas e as tintas, por mais complexas e detalhadas que sejam, ainda são incapazes de capturar a totalidade da experiência psicodélica. Essa limitação é um reflexo do paradoxo fundamental de tentar expressar mirações que estão em constante movimento e transformação.

3.2. A obra de Randy Chung

Randy Chung Gonzales é um artista e xamã peruano, nascido e criado em Lamas, Peru. Antes de sua iniciação xamânica, ele levava uma vida comum em sua cidade natal. Em junho de 2016, enquanto acompanhava sua empregadora, a antropóloga Frédérique Apffel-Marglin, em uma cerimônia de ayahuasca conduzida por um xamã local, Randy passou por uma experiência transformadora. Durante a cerimônia, entidades desencarnadas o iniciaram inesperadamente, concedendo-lhe poderes de cura

e instruções espirituais (Apffel-Marglin & Gonzales, 2024). Como artista autodidata, Randy desenvolveu uma técnica única que mistura linhas e padrões com um sofisticado pontilhismo, sempre em preto e branco, criando obras que retratam suas visões e encontros com entidades de outras dimensões. Dessa forma, quase todas as obras de Chung representam seu próprio encontro com mestres espirituais desencarnados, demônios, homens-pássaros, espíritos de plantas, animais mágicos, santos e santas, como a virgem de Guadalupe. Sua obra, portanto, está mais relacionada à experiência mítico-relacional e captura a essência de suas experiências espirituais, oferecendo uma janela para realidades que estão além da percepção comum.

Em setembro de 2024, suas obras foram exibidas na exposição “*Initiatory Visions*” no *Center for the Study of World Religions* da Universidade de Harvard, destacando a profundidade e a singularidade de sua arte. Em novembro de 2024, participou de palestras e exposições em função do II Congresso Brasileiro sobre Psicodélicos, promovido pela Associação Psicodélica Brasileira em colaboração com o Instituto de Psiquiatria da UFRJ, no Rio de Janeiro. Chung trabalha como xamã e facilita cerimônias com ayahuasca no Peru e no Brasil, realizando também um trabalho muito interessante onde as pessoas praticam dietas vegetalistas. Essas dietas fazem parte de退iros espirituais de alguns dias que envolvem a ingestão exclusiva de plantas mestras específicas (não psicodélicas). Essas dietas são acompanhadas de isolamento, restrições alimentares e abstinência de interações sociais, com o objetivo de estabelecer uma conexão profunda com os espíritos das plantas e adquirir conhecimentos de cura. Em geral, o retiro culmina em uma experiência com a ayahuasca guiada por Chung, mas apenas depois de que as pessoas já tenham limpado seus corpos e espíritos através da prática da dieta vegetalista, segundo sua cosmoapreensão. Através dessas práticas, Randy busca integrar a sabedoria ancestral das plantas com as necessidades contemporâneas, promovendo a cura e o bem-estar em um contexto moderno.

3.3. A obra de Alex Grey

Seguindo uma vertente alternativa e mais ligada com suas experiências com o LSD, Alex Grey (1953-) é um artista estadunidense que utiliza sua arte visionária para representar os estados alterados de consciência. Ele frequentemente relata que suas primeiras experiências com LSD foram fundamentais para a expansão de sua percepção e o desenvolvimento de sua estética visionária. Posteriormente, a ayahuasca aprofundou ainda mais sua conexão com o sagrado e influenciou sua abordagem pictórica, levando-o a explorar temas espirituais e transcendentais com uma intensidade ainda maior. Grey descreve seu processo criativo como uma tentativa de capturar as dimensões sutis da consciência reveladas por essas substâncias, traduzindo em formas visuais as mirações que experimenta durante os estados alterados de consciência. Sua tentativa de representar o inefável tem sido muito bem-sucedida.

Grey utiliza uma abordagem meticolosa e detalhada em suas pinturas, combinando técnicas tradicionais com uma visão contemporânea da arte visionária. Ele frequentemente trabalha com acrílico sobre tela, aplicando camadas translúcidas de tinta para criar um efeito luminoso e tridimensional. Suas obras variam de tamanhos médios a grandes, muitas vezes alcançando dimensões monumentais para intensificar a experiência imersiva do espectador. Grey é conhecido por sua precisão anatômica e pelo uso de técnicas de sombreamento e sobreposição que conferem uma profundidade quase holográfica às suas composições. Em geral, ele apresenta uma tentativa de ilustrar o corpo energético humano e as dimensões espirituais que ele acessa em estados de consciência ampliada. Sua obra explora a ideia de que o corpo físico é apenas uma parte de um sistema energético mais vasto. Grey se destaca pela representação do corpo humano em termos de suas energias sutis, com uma estética que integra a anatomia tradicional com representações de camadas de energia que se expandem em formas geométricas e linhas que fluem (Grey, 2001).

A principal característica das obras de Grey é a fusão entre a arte científica e a espiritual. Seus trabalhos exploram a anatomia humana com uma precisão quase científica ao representar esqueletos, órgãos, sistemas circulatório e linfático de forma fiel. Ao mesmo tempo, suas obras incorporam, sobre essas camadas materiais, uma dimensão energética e espiritual, representando o ser humano não apenas como um organismo físico, mas também como uma entidade composta de luz, energia e consciência (Grey, 1998).

A obra de Grey, em muitos aspectos, é uma tentativa de ilustrar o sagrado, de traduzir o que é vivido nas dimensões espirituais e místicas em formas acessíveis aos olhos humanos. O corpo humano, como uma extensão do universo e da consciência cósmica, é visto como um veículo para a experiência do divino (Grey & Grey, 2012), o que ressoa fortemente com a experiência de muitos usuários de ayahuasca que relatam sentir-se conectados a algo maior durante o ritual. No entanto, apesar do uso de imagens detalhadas e impressionantes, a própria natureza dinâmica da experiência psicodélica, que está sempre em movimento, atravessa a concepção tradicional de tempo, lógica e formas padrão, tornando impossível capturar em sua totalidade essa vivência visualmente.

3.4. O paradoxo da arte visionária e da representação do inefável

A limitação dessas tentativas de representação intelectual reside no paradoxo central de tentar capturar, dentro do campo das artes visuais, mirações místicas que acontecem em movimento. As experiências com ayahuasca são frequentemente descritas como expansivas, dinâmicas e em constante mudança, o que torna qualquer tentativa de represar essa experiência uma tarefa quase impossível, seja usando uma tela, um texto ou qualquer tipo de forma rígida. Mesmo as mais elaboradas representações geométricas e as mais complexas figuras espirituais parecem limitar, em última instância, o que é uma experiência fluida e indefinível. A própria tentativa de capturar o inefável, de representar visualmente o que não pode ser verbalizado ou disposto em símbolos, revela as limitações da arte como um meio de tradução total da experiência. Mais uma vez vale ressaltar que a própria experiência parece ultrapassar os limites daquilo que conseguimos apreender com nossos sentidos e nosso cérebro limitados.

O paradoxo de representar o inefável na arte visionária é, portanto, uma questão que não se limita apenas à ayahuasca, mas à tentativa de ilustrar tudo aquilo que está além da compreensão humana e das ferramentas cognitivas ou técnicas que nos estão disponíveis (Maslow, 1964). Ao longo da história, a arte visionária, em sua busca por aproximar-se dessa experiência, revela tanto as incríveis possibilidades da expressão artística quanto suas restrições (Ruck et al., 1978). Ao tentar representar a totalidade de uma experiência que transcende o corpo e a mente, o artista encontra as fronteiras da linguagem, da forma, da visão humana e da capacidade de processamento cerebral. No entanto, é precisamente nesse confronto com as limitações que a arte visionária ganha sua força: ela se torna uma representação das fronteiras do que é possível conhecer e expressar, mesmo que essa expressão nunca consiga alcançar a sensação de infinito que ela tenta capturar.

As obras de Pablo Amaringo, Randy Chung e Alex Grey, cada uma com sua linguagem própria, representam tentativas notáveis de aproximar-se da experiência visionária com ayahuasca e outras substâncias psicodélicas. Tais obras estão profundamente enraizadas na busca por capturar o que é visto, sentido e vivenciado nos estados alterados de consciência, mas, ao mesmo tempo, revelam as limitações fundamentais da arte diante do inefável.

4. Representando o inefável: a experiência do artista e o acesso ao inconsciente visionário

Neste capítulo, gostaríamos de comentar sobre os enteógenos e o processo criativo nas artes sob a perspectiva do artista visionário. Dessa forma, o uso da ayahuasca tem se mostrado uma influência profunda no processo criativo de muitos artistas, permitindo o acesso a estados ampliados de percepção e consciência. O psiquiatra suíço Carl Jung (1875-1961) descreveu esse fenômeno como “a ativação do inconsciente coletivo”, no qual padrões universais de significados emergem para o indivíduo (Jung, 1964). Essas visões podem incluir seres espirituais, paisagens oníricas e complexas composições. Contudo, a transposição dessas imagens para uma linguagem artística demanda uma elaboração consciente, capaz de transformar a experiência subjetiva em uma representação esteticamente estruturada.

O exímio pintor e teórico da arte russo, Wassily Kandinsky (1866-1944), em sua obra *Do Espiritual na Arte* (Kandinsky, 1911), argumenta que a arte abstrata busca justamente expressar essas dimensões da experiência que escapam à racionalidade linear, tornando-se dessa forma um meio eficaz para a materialização de estados alterados de consciência. Outros artistas e teóricos também exploraram a abstração como meio de representar estados alterados de consciência e experiências psicodélicas. O pintor e poeta belga Henri Michaux (1899–1984) utilizou justamente a abstração em suas pinturas e escritos para traduzir suas vivências com a mescalina, buscando capturar as sensações de fluxo, transformação e dinamismo perceptual que emergem sob efeito de enteógenos (Michaux, 1972). Mais recentemente, artistas como Fred Tomaselli (1956-) incorporaram elementos abstratos e colagens psicodélicas para criar composições que remetem às sobreposições sensoriais típicas da ayahuasca e de outras substâncias visionárias (Tomaselli, 2009). Essas abordagens demonstram que a abstração não apenas reflete, mas também potencializa a compreensão das experiências que transcendem a linguagem ordinária, fornecendo um meio visual para acessar o inefável.

Se pensarmos em um contexto mais pictórico, a representação do inconsciente visionário estimulada pela ayahuasca, impõe desafios técnicos e conceituais ao artista. A experiência visionária em geral é altamente dinâmica, com imagens e cenas que mudam rapidamente e cores que parecem estar em um espectro além das possibilidades convencionais, com tons em neon que aparecem e se desvanecem rapidamente. O pai da psicanálise, o austríaco Sigmund Freud (1856-1939), em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900), descreveu como os conteúdos do inconsciente passam por processos de deslocamento e condensamento antes de se tornarem compreensíveis pela mente consciente. Esses mecanismos fazem com que ideias e sentimentos reprimidos se reorganizem em imagens simbólicas ou narrativas oníricas que, muitas vezes, desafiam uma interpretação linear e direta. Assim como nos sonhos, as experiências visionárias induzidas por enteógenos, como a ayahuasca, parecem operar sob princípios semelhantes, trazendo à tona conteúdos ocultos da psique em formas visuais, auditivas e emocionais altamente codificadas. Esse mesmo mecanismo pode ser observado na transposição artística das visões psicodélicas.

4.1. Possibilidades, técnicas e estudos para a representação do inefável

Ao longo da história, diversos métodos artísticos foram desenvolvidos para capturar as nuances da experiência visionária ou o contato entre consciente e inconsciente. Por exemplo: (i) o *desenho automático* foi explorado pelos surrealistas como André Breton (1896-1966) e Salvador Dalí (1904-1989), permitindo a criação livre sem a intervenção consciente da racionalidade, o que possibilitava a expressão espontânea do inconsciente; (ii) a *exploração de arquétipos*, conforme descrito pelo escritor estadunidense especialista em mitologia, Joseph Campbell (1904-1987), em *O Herói de Mil Faces* (Campbell, 1949), é outra técnica que auxilia na construção de obras que evocam simbolismos profundos e significados compartilhados coletivamente; além disso, (iii) *técnicas de meditação* e estados alterados de consciência, como a respiração holotrópica, favorecem o acesso ao inconsciente

e promovem o surgimento de imagens espontâneas semelhantes às visões induzidas pela ayahuasca (Grof, 2000); já o uso de (iv) *colagem e técnicas mistas* permite a combinação de elementos visuais diversos, criando composições que refletem a fragmentação e a multiplicidade da experiência visionária; finalmente, a (v) *aplicação de geometrias fractais* e cores fluorescentes, inspiradas nas descrições de artistas como Pablo Amaringo, auxilia na representação da complexidade das imagens psicodélicas. De qualquer forma, apenas a prática constante e a experimentação com diferentes materiais podem reduzir a distância entre a experiência subjetiva dos estados alterados de consciência e sua expressão estética, permitindo que o artista desenvolva um estilo singular baseado em sua percepção ampliada.

Apesar do enorme potencial expressivo da arte visionária, sua criação envolve desafios técnicos significativos. Um dos problemas recorrentes é a dificuldade em captar a luminosidade intensa e as cores em movimento que caracterizam as visões induzidas pela ayahuasca. Como já vimos, alguns artistas utilizam múltiplas camadas de tinta acrílica translúcida para reproduzir a sensação de brilho e profundidade. Outro desafio é a dinamicidade das visões, que geralmente se transformam em padrões fluidos e interconectados. Para contornar essa limitação, artistas adotam um estilo altamente detalhado, incorporando elementos simbólicos recorrentes para transmitir a essência da experiência visionária. Notavelmente, a dificuldade de traduzir estados alterados de consciência em uma linguagem visual comprehensível poderia ter tornado a arte visionária um campo subjetivo e hermético. Esse desafio foi superado através da experimentação com diferentes formas de representação, incluindo a incorporação de padrões naturais, simetrias e formas que evocam estados expandidos de percepção.

Assim, a arte visionária emergente da experiência com ayahuasca representa um campo de exploração estética singular, no qual o artista busca capturar fragmentos do inefável. A influência dessa substância não se limita a imagens exóticas, mas também está intimamente relacionado ao estado nootrópico, onde as percepções de cor, luz e forma estão ampliadas, exigindo abordagens técnicas que equilibrem espontaneidade, precisão e criatividade. A transposição dessas visões para o suporte artístico demanda uma interação constante entre experiência e execução, consolidando a arte visionária como um meio de expressão do inconsciente e da dimensão espiritual da percepção que está intimamente associada com a habilidade e capacidade técnica de cada artista.

5. Inconsciente e Contracultura: O Lugar da Arte Visionária

A arte visionária se insere em um espaço complexo de intersecções entre o inconsciente, a contracultura e as experiências de estados alterados de consciência, criando uma dissidência estética e cultural que desafia as normas estabelecidas. Essa arte busca representar as experiências que surgem quando a mente humana é expandida por meio de substâncias psicodélicas, mediadores de uma ligação direta com camadas mais profundas da psique humana, frequentemente chamadas de inconsciente. O vínculo entre arte psicodélica e inconsciente é central para entender como essas produções visuais refletem tanto uma busca por liberação mental quanto uma transgressão das fronteiras tradicionais do entendimento e da representação da realidade.

Expandindo a ideia do inconsciente Freudiano, Jung foi um dos primeiros a explorar o conceito de inconsciente coletivo e a relação entre o inconsciente e as experiências humanas universais. Jung via os estados alterados de consciência, como aqueles proporcionados pelo uso de substâncias psicodélicas, como uma oportunidade para acessar os arquétipos e imagens primordiais do inconsciente coletivo. Para ele, esses estados poderiam proporcionar uma integração dos aspectos reprimidos ou esquecidos da psique, além de trazer à tona uma maior compreensão da totalidade do ser humano. Nesse sentido, a arte visionária pode ser vista como uma forma de materializar visualmente esse inconsciente coletivo, traduzindo suas imagens simbólicas, que são compartilhadas entre todas as pessoas, em formas e padrões visuais (Jung, 1964).

Já o psiquiatra tcheco Stanislav Grof (1931-) foi um dos pioneiros na pesquisa com substâncias psicodélicas e fez contribuições significativas para o entendimento da relação entre o inconsciente e os estados alterados de consciência. Ele abordou a ideia de que os psicodélicos, como o LSD, podem permitir o acesso a camadas profundas da psique humana, desencadeando experiências que ele chamou de “expansões transpessoais”. Essas expansões poderiam envolver o reconhecimento de padrões cósmicos ou da ligação entre o indivíduo e o universo, e ainda a possibilidade de revisitar experiências vividas no útero, durante o nascimento, em vidas passadas ou memórias ancestrais (Grof & Grof, 2010). Para Grof, a experiência de “unidade” com o todo é uma temática frequentemente explorada na arte psicodélica, onde o indivíduo é retratado como parte de uma rede cósmica ou universal (Grof, 1988).

Terence McKenna foi um dos maiores pensadores e oradores sobre o potencial dos enteógenos, como a ayahuasca e os cogumelos psilocibinos, em explorar as dimensões do inconsciente. McKenna abordava a experiência psicodélica como um caminho para o entendimento de realidades alternativas e para a busca de um novo estado de consciência, que ele via como uma possibilidade para a evolução humana. Ele acreditava que, por meio do uso dessas substâncias, a humanidade poderia acessar informações não disponíveis no estado normal de consciência, revelando novas formas de interação com o inconsciente e com o cosmos. Sua teoria sobre a “expansão da mente” pode ser relacionada diretamente à arte visionária, que visualiza esses mundos paralelos e camadas do inconsciente de uma forma que palavras e imagens convencionais não conseguem expressar (McKenna, 1992).

A arte visionária, nesse contexto, se configura como uma expressão visual que emerge dessa dissidência estética e cultural. A contracultura dos anos 1960, com seu movimento de ruptura contra as normas estabelecidas pela sociedade conservadora, foi um terreno fértil para sua emergência. Artistas como os cartunistas da revista *Rolling Stone* e as figuras do movimento psicodélico de São Francisco, incluindo a arte de cartazes de shows de rock e festivais, começaram a representar o inconsciente coletivo de maneiras que desafiavam a percepção tradicional da realidade. Nessa estética dissidente, a arte se tornava uma ferramenta de resistência à normatividade, uma forma de contestar a rigidez das convenções sociais e de explorar, por meio da imagem, o que é normalmente invisível (McKenna, 1992).

Assim, a arte visionária, ao focar na visualização do inconsciente, na transgressão das fronteiras do ego e na expansão da consciência, se tornou um veículo para o questionamento não só das estruturas internas da cognição e da psiquê humana, mas também das estruturas culturais, sociais e políticas da sociedade em que está inserida. Ao envolver-se com o inefável, a arte cria uma esfera de liberdade e exploração, um espaço de afirmação da autonomia da consciência humana e do poder transformador da experiência subjetiva.

5.1. Tecnologias Emergentes e Novas Formas de Experimentar e Representar o Psicodélico

A arte psicodélica, em sua busca por traduzir o universo expandido da mente humana, encontra um novo horizonte com o advento das tecnologias digitais emergentes alcançando críticas, preocupações e possibilidades únicas. O uso de Realidade Virtual (VR), Inteligência Artificial (IA) e outras ferramentas digitais oferecem possibilidades sem precedentes para expandir a experiência e a representação do estado enteogênico, mas ainda encontra-se em fase de experimentação e descoberta.

A Realidade Virtual, por exemplo, pode oferecer uma imersão sensorial profunda capaz de recriar parcialmente, em ambientes tridimensionais, as experiências visuais, sonoras e até físicas que caracterizam certos estados alterados de consciência. Teoricamente, através da VR pode ser possível *simular* o que pode ser visto durante um ritual de ayahuasca, incluindo a representação de formas geométricas em movimento, explosões de cores e o encontro com entidades espirituais. Essa tecnologia pode permitir uma experiência imersiva nas vivências psicodélicas e abrir um novo campo para a exploração da interação do indivíduo com as representações do inconsciente.

Com o uso de Inteligência Artificial já é possível criar novas formas de arte psicodélica através de algoritmos que geram padrões, formas e movimentos visuais que imitam ou se aproximam das imagens subjetivas e caleidoscópicas descritas por aqueles que vivenciam estados alterados de consciência. O avanço dos modelos de geração de imagens por IA pode ajudar a gerar imagens em tempo real baseadas nas descrições das experiências dos usuários e criar representações dinâmicas e em constante transformação, à medida que o cérebro se adapta à experiência de alteração de consciência. Embora a IA ainda esteja longe de replicar a complexidade das experiências visionárias autênticas, ela pode abrir novas possibilidades para o entendimento e a representação dessas experiências.

Além disso, o uso de tecnologia em festas e festivais de psicodélicos está se tornando uma prática crescente. A introdução de ambientes digitais interativos e performances de luzes sincronizadas com a música durante esses eventos pode proporcionar novas dimensões à experiência recreativa, aproximando as imagens geradas psicologicamente de uma experiência mais coletiva e compartilhada. Isso reflete uma mudança importante na forma como os psicodélicos estão sendo usados, não só como ferramentas individuais para a transformação pessoal, mas também como parte de um novo modelo de ritual coletivo, mediado por tecnologias que ampliam a experiência sensorial e espiritual. Entretanto, a experiência nootrópica (de aguçamento dos sentidos e da cognição) não pode ser alcançada ou mesmo vislumbrada por pessoas que utilizem dessas tecnologias, de forma que elas apenas representam uma introdução simplória a esse mundo de sensações e sinestesias. Além disso, cada pessoa tem um acesso diferente às dimensões e percepções aguçadas alcançadas com o uso de enteógenos.

Assim, embora as novas tecnologias possam vir a oferecer plataformas dinâmicas e expansivas para a experimentação com representações inspiradas por estados alterados de consciência, a experiência de cada pessoa permanece sendo fundamental. A arte psicodélica não apenas persiste como uma forma de expressão contra as normas culturais e sociais, mas também pode se reinventar na interface entre o humano e o digital, explorando as possibilidades do inconsciente de maneira cada vez mais interativa e imersiva. Entretanto, devemos levar em consideração que a tecnologia pode até capturar uma parte da estética da experiência, mas jamais poderá se comparar com a experiência direta do explorador da consciência com o enteógeno.

6. Considerações finais

A experiência com ayahuasca, no cerne daquilo que muitos descrevem como uma jornada de expansão da consciência, continua a desafiar os limites da linguagem, da arte e da representação. Como vimos ao longo deste trabalho, o uso de substâncias psicodélicas ou enteógenas, como a ayahuasca, coloca os indivíduos em contato com camadas profundas do inconsciente, onde imagens, arquétipos e símbolos se desdobram de forma misteriosa, vívida e, muitas vezes, inefável. Essa inefabilidade é um dos maiores desafios para aqueles que tentam traduzir a experiência psicodélica, em especial, quando se trata da ayahuasca.

Se olharmos para a semiologia, veremos que as artes visuais consistem em mapas simbólicos que tentam representar a realidade, mas que nunca são a própria realidade, pois funcionam como sistemas de signos mediados por convenções culturais e perceptivas. Como apontou o crítico literário francês Roland Barthes (1915–1980), toda imagem é, antes de tudo, um signo estruturado dentro de uma rede de significados que depende do contexto cultural e do repertório de quem interpreta (Barthes, 1964). Dessa forma, a representação visual carrega um grau inerente de inefabilidade, na medida em que a experiência original nunca é completamente traduzida na linguagem visual. Isso se aplica a qualquer tentativa de expressão artística, mas torna-se ainda mais pronunciado no caso da arte visionária e psicodélica. Assim, a experiência com psicodélicos e enteógenos adiciona um grau de inefabilidade muito maior, pois afeta não apenas a percepção sensorial, mas também a própria estrutura da

cognição, alterando a relação entre o sujeito e os signos que ele utiliza para construir significado (Palhano-Fontes et al., 2015). Como William James descreveu em seu estudo sobre experiências místicas, essas vivências são caracterizadas por uma sensação de acesso a uma realidade que transcende as categorias normais de pensamento e linguagem (James, 1902). Isso significa que a captação dessas experiências não segue os padrões habituais de percepção, sendo muitas vezes impossível de serem traduzidas em palavras ou imagens.

Esse alto grau de inefabilidade se manifesta em três níveis distintos: (i) na própria captação da experiência, (ii) na sua compreensão posterior e na tentativa de transição do inconsciente para o consciente e (iii) ao se manifestar na expressão artística. Stanislav Grof, em seus estudos sobre estados holotrópicos de consciência, argumenta que a experiência psicodélica frequentemente envolve símbolos arquetípicos, camadas profundas do inconsciente e experiências de dissolução do ego, tornando sua representação particularmente difícil dentro dos códigos simbólicos tradicionais (Grof, 2000). Terence McKenna também apontou que as visões sob a influência de substâncias psicodélicas frequentemente envolvem formas de comunicação que transcendem os signos linguísticos conhecidos, muitas vezes descritas como “linguagem visual hiperespacial” ou “linguagem vivida” (McKenna, 1992).

Na transição inconsciente-consciente, o desafio é ainda maior, pois a experiência psicodélica frequentemente ocorre em um estado de consciência diferente daquele em que a arte é produzida. Isso faz com que a memória da experiência seja reinterpretada e reconstruída, resultando em um inevitável processo de simplificação e transformação. Isso ressoa com as ideias do filósofo deconstrutivista francês Jacques Derrida sobre a impossibilidade de um signo capturar plenamente a presença do significado original, pois toda tentativa de representação já implica uma diferença e um afastamento do fenômeno em si (Derrida, 1967).

Nise da Silveira, uma das maiores figuras brasileiras na interseção entre arte, psicologia e cultura, foi pioneira no estudo e na interpretação dos estados alterados de consciência. Em seu trabalho, Nise teve grande interesse em como manifestações artísticas, como as produções dos pacientes esquizofrênicos no Museu de Imagens do Inconsciente, podiam representar um acesso direto ao inconsciente profundo, um tema que também se aplica às experiências psicodélicas com a ayahuasca. A proposta de Nise era observar as imagens que surgiam da mente humana, sem a interferência da razão e da lógica consciente, e compreender como esses símbolos se conectavam a questões universais e arquéticas presentes em todos os seres humanos. Sua contribuição é vital para entender o potencial da arte como uma forma de mediação entre as dimensões inconscientes e o consciente, um processo que também ocorre na arte psicodélica. Em seu trabalho, a arte não apenas expressava a experiência do paciente, mas se tornava uma ferramenta para o processo terapêutico, permitindo uma forma de comunicação que transcendia as limitações da palavra (Silveira, 1953).

Essa visão encontra ressonância no trabalho do psicólogo junguiano Philippe Bandeira de Mello, coordenador da Arca da Montanha Azul, uma instituição religiosa que realiza cerimônias de cunho universalista com o uso da ayahuasca. Philippe trabalhou na Casa das Palmeiras, instituição fundada pela Dra Nise no Rio de Janeiro e que se tornou um espaço de reabilitação psiquiátrica baseado na liberdade criativa e na valorização da expressão simbólica dos pacientes, sem o uso de contenções físicas ou químicas. Inspirado por essa abordagem, o trabalho na Arca da Montanha Azul também busca integrar o inconsciente por meio da arte, proporcionando aos participantes um ambiente no qual podem explorar suas visões e experiências subjetivas livremente (Mello, 2015). Durante as cerimônias, há uma mesa de desenho disponível, onde qualquer pessoa pode representar espontaneamente suas vivências com a ayahuasca, sem julgamentos ou diretrizes rígidas. Esse espaço de criação reforça a importância da arte como ferramenta de integração, permitindo que imagens emergentes do inconsciente sejam materializadas e reinterpretadas no processo de autoconhecimento e trabalho com a interpretação do inefável.

A partir dessa constatação sobre o inefável, a arte visionária surge como uma tentativa de dar forma ao informe, oferecendo um meio alternativo de representação do que escapa à verbalização. Portanto,

a manifestação do inconsciente no consciente, seja através de sonhos, experiências visionárias ou estados místicos, revela-se como um processo de tradução imperfeita do indizível. A mente humana, ao tentar compreender e comunicar essas vivências, recorre à mitologia, à arte e aos símbolos universais, que funcionam como pontes frágeis entre o real e o transcendente, entre o consciente e o insondável oceano do inconsciente. Entretanto, a expressão técnica desses estados alterados de consciência enfrenta desafios tanto subjetivos quanto materiais. A arte visionária busca capturar a complexidade da experiência psicodélica, mas inevitavelmente esbarra nas limitações cognitivas e técnicas. De qualquer forma, ao empregar símbolos e representações visuais complexas, esse estilo artístico tenta aproximar o observador da essência da experiência, permitindo-lhe “sentir” algo do que seria inefável. Ela oferece uma representação paradoxalmente sofisticada e simplória dos estados alterados de consciência, convidando o espectador a refletir sobre a natureza da realidade, da percepção e do ser e assim desafiando estereótipos e promovendo uma imersão nas dissidências contraculturais. Mesmo que o espectador não consiga “entrar” completamente na experiência vivida pelo artista, a obra oferece uma visão sensorial do que seria uma expansão da consciência, algo que, sem a arte, poderia permanecer totalmente intransponível.

À medida que as tecnologias emergentes continuam a evoluir, novas formas de representar a experiência psicodélica surgem. O uso de Realidade Virtual, Inteligência Artificial e outras tecnologias digitais promete transformar a maneira como a experiência com substâncias psicodélicas, como a ayahuasca, pode ser visualizada e compartilhada pela sociedade. A realidade virtual pode oferecer uma experiência imersiva que permite ao usuário visitar mundos virtuais que podem ser modelados para refletir a complexidade das visões psicodélicas: das formas geométricas em movimento aos encontros com entidades místicas e arquetípicas. Já a IA, por sua vez, pode permitir a geração de representações visuais dinâmicas e adaptáveis das experiências psicodélicas, criando imagens que se transformam à medida que o espectador interage com elas, aproximando-se das qualidades de fluidez e mutabilidade presentes nas experiências visionárias. Essas novas formas de mediação tecnológica oferecem uma oportunidade de expandir as possibilidades da arte visionária, tornando-a mais acessível e imersiva para aqueles que desejam vivenciar ou estudar essas experiências. Entretanto, também elas enfrentarão o paradoxo da representação: como capturar e transmitir o infinitamente complexo e único? Embora nunca seja possível replicar a totalidade de uma experiência enteógena de forma exata, essas novas tecnologias podem proporcionar novos modos de explorar e expressar o psicodélico de maneiras que estavam além da capacidade das formas artísticas tradicionais.

Antes de terminarmos, vale a pena fazer um pequeno contraponto. Embora a ayahuasca seja amplamente estudada por seus potenciais benefícios terapêuticos e espirituais, há também críticas e desafios associados ao seu uso que merecem atenção. Pesquisadores como Bousso e Riba (2014) apontam que, apesar dos efeitos promissores na neuroplasticidade e na regulação emocional, o consumo da ayahuasca pode induzir episódios de ansiedade intensa, paranoia e até psicose em indivíduos predispostos a transtornos psiquiátricos. Além disso, estudos como o de dos Santos et al. (2016) sugerem que a interação da DMT com o sistema serotoninérgico pode levar a riscos fisiológicos, incluindo aumento da pressão arterial e efeitos adversos quando combinada com certos medicamentos, como antidepressivos inibidores da recaptação de serotonina. Do ponto de vista antropológico, autores como Labate e Cavnar (2018) também questionam a romantização do uso da ayahuasca no Ocidente, argumentando que a apropriação contemporânea da bebida muitas vezes descontextualiza seus significados tradicionais e pode gerar exploração comercial de práticas xamânicas. Nesse sentido, também é preciso que as adaptações dos contextos psicodélicos por novas tecnologias remetam e respeitem as cosmoapreensões dos povos originários e que possam promover um intercâmbio positivo e a repartição de benefícios através de acordos e pagamentos pelo uso de seu conhecimento tradicional quando houver ganho financeiro. Esses aspectos evidenciam que, embora a experiência enteogênica tenha um grande potencial terapêutico e transformador, ela não está isenta de riscos, sendo necessária uma abordagem crítica e contextualizada sobre seu uso.

Finalmente, a experiência com ayahuasca, com sua riqueza simbólica e mística, continua a desafiar as fronteiras da arte, da linguagem e da percepção. Segundo o historiador das religiões romeno Mircea Eliade (1907–1986), as experiências visionárias sempre foram centrais para as tradições espirituais, mas a dificuldade de expressá-las plenamente levou à criação de símbolos e metáforas que apenas apontam para a experiência sem nunca a esgotar (Eliade, 1958). Por meio da arte visionária e das novas tecnologias, novas formas de mediação estão sendo criadas, permitindo que a experiência psicodélica seja compartilhada e refletida de maneiras inovadoras. Tudo isso deve ser feito sem nunca nos esquecermos de sua origem ameríndia e da busca por um resgate dos conhecimentos tradicionais tão sofisticados desses povos que têm sido marginalizados desde a colonização da América. A obra de Nise da Silveira, a tradição artística visionária e as tecnologias emergentes demonstram que, embora as experiências psicodélicas possam ser inefáveis e transcedentais, a arte continua sendo uma ferramenta essencial para explorar, representar e mediar as dimensões profundas do inconsciente humano.

7. Agradecimentos

Agradecemos à herança dos povos originários ameríndios que nos trouxe essa incrível biotecnologia ancestral conhecida como ayahuasca e às plantas professoras. Honramos sua sabedoria e nos curvamos perante seus conhecimentos avançados sobre o mundo natural e espiritual. Agradecemos também aos grandes pesquisadores e escritores brasileiros que nos inspiraram neste trabalho, principalmente Draulio Barros de Araújo, Philippe Bandeira de Mello, Marcelo Leite, Beatriz Labate, Sidarta Ribeiro e Nelson Job. Agradecemos também a todos os pesquisadores e alunos que participam do projeto genoma da ayahuasca, principalmente Simone Lopes e Alessandro Varani. Esse trabalho foi parcialmente financiado pela bolsa Cientista do Nosso Estado e pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa, concedidas respectivamente pela FAPERJ e CNPq ao Prof. Francisco Prosdocimi (CNE E-26/200.940/2022 e 306346/2022-2).

8. Referências bibliográficas

- Amaringo, P. & Luna, L (1999). *Ayahuasca Visions: The Religious Iconography of a Peruvian Shaman--Unveiling the sacred mysteries of Ayahuasca*. Editora North Atlantic Books.
- Apffel-Marglin, F. & Gonzales, R. C. (2024) Iniciação pelos espíritos: tratando as doenças da modernidade pelo xamanismo, psicodélicos e poder do Sagrado. EB Studio.
- Barthes, R. (1964). Rhétorique de l'image. Communications, 4(1), 40-51.
- Bohm, D. (1980). Wholeness and the Implicate Order. Routledge.
- Bouso, J.C., Riba, J. (2014). Ayahuasca and the Treatment of Drug Addiction. In: Labate, B.C., Cavnar, C. (eds) *The Therapeutic Use of Ayahuasca*. Springer, Berlin, Heidelberg. https://doi.org/10.1007/978-3-642-40426-9_6
- Campbell, J. (1949). *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton University Press.
- Carhart-Harris RL, Leech R, Hellyer PJ, Shanahan M, Feilding A, Tagliazucchi E, Chialvo DR and Nutt D (2014) The entropic brain: a theory of conscious states informed by neuroimaging research with psychedelic drugs. *Front. Hum. Neurosci.* 8:20. doi: 10.3389/fnhum.2014.00020
- Charing, H.; Cloudsley, P.; Amaringo P. (2011) The ayahuasca visions of Pablo Amaringo. Inner Traditions.

Chavarro-Mesa E, Almeida JVDA, Silva SR, Lopes SS, Barbosa JBF, Oliveira D, Corrêa MA, Moraes AP, Miranda VFO, Prosdocimi F, Varani AM. The mitogenomic landscape of *Banisteriopsis caapi* (Malpighiaceae), the sacred liana used for ayahuasca preparation. *Genet Mol Biol.* 2024 Jul 1;47(2):e20230301. doi: 10.1590/1678-4685-GMB-2023-0301. PMID: 38985012; PMCID: PMC11234496.

Derrida, J. (1967). *De la grammatologie*. Paris: Minuit.

dos Santos, R. G., Osório, F. L., Crippa, J. A., & Hallak, J. E. (2016). Antidepressive and anxiolytic effects of ayahuasca: a systematic literature review of animal and human studies. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 38(1), 65-72. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2015-1701>

Eliade, M. (1958). *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*. New York: Harcourt.

Freud, S. (1900). *The Interpretation of Dreams*. Macmillan.

Fulkaxó, T.; Fulkaxó, S; Fulkaxó, T. (2022) As ciências indígenas segundo a tradição do povo Fulkaxó. *Alquimia Lunar*.

Labate, B.C., & Cavnar, C. (2014). *Prohibition, Religious Freedom, and Human Rights: Regulating Traditional Drug Use*.

Grey, A. (2001). *Sacred Mirrors: The Visionary Art of Alex Grey*. 1st edition. CoSM Press.

Grey, A. (1998). *The Mission of Art*. Boston, MA: Shambhala.

Grey, A. (2001). *Transfigurations*. Vermont: Inner Traditions.

Grey, A., & Grey, A. (2012). *Net of Being*. Rochester, VT: Inner Traditions.

Grof, S. (1988). *The Adventure of Self-Discovery: Dimensions of Consciousness and New Perspectives in Psychotherapy and Inner Exploration*. Albany: State University of New York Press. Bantam Books.

Grof, S. (2000). *Psychology of the Future: Lessons from Modern Consciousness Research*. State University of New York Press.

Grof, S., & Grof, C. (2010). *Holotropic Breathwork: A New Approach to Self-Exploration and Therapy*. State University of New York Press.

Hobson JA, Pace-Schott EF. The cognitive neuroscience of sleep: neuronal systems, consciousness and learning. *Nat Rev Neurosci.* 2002 Sep;3(9):679-93. doi: 10.1038/nrn915. PMID: 12209117.

James, W. (1902). *The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*. Longmans, Green & Co.

Jung, C. G. (1951). *Aion: Researches into the Phenomenology of the Self*. Princeton University Press.

Jung, C. G. (1964). *Man and His Symbols*. New York: Doubleday.

Kandinsky, W. (1911). *Concerning the Spiritual in Art*. Traduzido por Michael T. H. Sadler (2004). Kessinger Publishing. p. 32. ISBN 978-1-4191-1377-2

Kraehenmann R, Pokorny D, Vollenweider L, Preller KH, Pokorny T, Seifritz E, Vollenweider FX. Dreamlike effects of LSD on waking imagery in humans depend on serotonin 2A receptor activation. *Psychopharmacology (Berl)*. 2017 Jul;234(13):2031-2046. doi: 10.1007/s00213-017-4610-0.

Maslow, A. H. (1964). *Religions, Values, and Peak Experiences*. Viking Press.

Maia LO, Daldegan-Bueno D, Wießner I, Araujo DB, Tófoli LF. Ayahuasca's therapeutic potential: What we know - and what not. *Eur Neuropsychopharmacol.* 2023 Jan;66:45-61. doi: 10.1016/j.euroneuro.2022.10.008.

Mello, P. B. (2015). Nova Aurora De Uma Antiga Manhã: Surpreendentes Diferenças Entre As Plantas Sagradas E As Drogas As Propriedades Misteriosas Dos Enteógenos. Createspace Independent Pub.

Michaux, H. (1972). Miserable Miracle. San Francisco: City Lights Books.

Mikosz, J. E. (2015). Arte Visionária. Prismas; 2^a edição. ISBN: 8568274765.

McKenna DJ, Repke DB, Lo L, Peroutka SJ. Differential interactions of indolealkylamines with 5-hydroxytryptamine receptor subtypes. *Neuropharmacology*. 1990 Mar;29(3):193-198. DOI: 10.1016/0028-3908(90)90001-8.

McKenna, T. (1992). Food of the Gods: The Search for the Original Tree of Knowledge. New York: Bantam Books.

McKenna, T. (1993). True Hallucinations: Being an Account of the Author's Extraordinary Adventures in the Devil's Paradise. HarperOne.

Palhano-Fontes F, Andrade KC, Tofoli LF, Santos AC, Crippa JA, Hallak JE, Ribeiro S, de Araujo DB. The psychedelic state induced by ayahuasca modulates the activity and connectivity of the default mode network. *PLoS One*. 2015 Feb 18;10(2):e0118143. doi: 10.1371/journal.pone.0118143. PMID: 25693169; PMCID: PMC4334486.

Prosdocimi, F. (2025) Ayahuasca: do decolonial ao transrracional. (manuscrito em preparação).

Riba J, Valle M, Urbano G, Yritia M, Morte A, Barbanoj MJ. Human pharmacology of ayahuasca: subjective and cardiovascular effects, monoamine metabolite excretion, and pharmacokinetics. *J Pharmacol Exp Ther*. 2003 Jul;306(1):73-83. doi: 10.1124/jpet.103.049882.

Ribeiro, S. T. (2019). O oráculo da noite: a história e ciência do sonho. Editora: Companhia das Letras, São Paulo.

Rivier, L., Lindgren, JE. "Ayahuasca," the South American hallucinogenic drink: An ethnobotanical and chemical investigation. *Econ Bot* 26, 101–129 (1972). <https://doi.org/10.1007/BF02860772>

Ruck, C. A. P., Hofmann, A., & Wasson, R. G. (1978). The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries. New York, NY: Harcourt Brace Jovanovich.

Saavedra JM, Axelrod J. Psychotomimetic N-methylated tryptamines: formation in brain in vivo and in vitro. *Science*. 1972 Mar 24;175(4028):1365-6. doi: 10.1126/science.175.4028.1365.

Sampedro F, de la Fuente Revenga M, Valle M, Roberto N, Domínguez-Clavé E, Elices M, Luna LE, Crippa JAS, Hallak JEC, de Araujo DB, Friedlander P, Barker SA, Álvarez E, Soler J, Pascual JC, Feilding A, Riba J. Assessing the Psychedelic "After-Glow" in Ayahuasca Users: Post-Acute Neurometabolic and Functional Connectivity Changes Are Associated with Enhanced Mindfulness Capacities. *Int J Neuropsychopharmacol*. 2017 Sep 1;20(9):698-711. doi: 10.1093/ijnp/pyx036. PMID: 28525587; PMCID: PMC5581489.

Shanon, B. (2002). The Antipodes of the Mind: Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience. Oxford University Press.

Silveira, N. (1953). Imagens do Inconsciente: A Arte na Psicologia das Doenças Mentais. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Smith RL, Canton H, Barrett RJ, Sanders-Bush E. Agonist properties of N,N-dimethyltryptamine at serotonin 5-HT2A and 5-HT2C receptors. *Pharmacol Biochem Behav*. 1998 Nov;61(3):323-30. doi: 10.1016/s0091-3057(98)00110-5.

Strassman, R. (2001). DMT: The Spirit Molecule. Park Street Press.

Tomaselli, F. (2009). Fred Tomaselli. New York: Prestel Publishing.

Varani AM, Silva SR, Lopes S, Barbosa JBF, Oliveira D, Corrêa MA, Moraes AP, Miranda VFO, Prosdocimi F. The complete organellar genomes of the entheogenic plant *Psychotria viridis* (Rubiaceae), a main component of the ayahuasca brew. PeerJ. 2022 Oct 18;10:e14114. doi: 10.7717/peerj.14114.

Viol A, Palhano-Fontes F, Onias H, de Araujo DB, Viswanathan GM. Shannon entropy of brain functional complex networks under the influence of the psychedelic Ayahuasca. Sci Rep. 2017 Aug 7;7(1):7388. doi: 10.1038/s41598-017-06854-0.